

Claudia de Lima Costa  
Universidade Federal de Santa Catarina

Sonia E. Alvarez  
University of Massachusetts, Amherst

## A circulação das teorias feministas e os desafios da tradução

**Resumo:** Neste ensaio exploramos as especificidades das viagens e traduções das teorias feministas a partir das mediações exercidas pelas revistas e periódicos científicos. Discutimos como um cânone feminista é construído por um mercado de citação transnacional e concluímos com alguns exemplos de como abrir espaços nas publicações para outros saberes feministas a partir de práticas contratradutórias.

**Palavras-chave:** tradução; viagens das teorias; publicações científicas; cânone feminista.

Copyright © 2013 by Revista  
Estudos Feministas.

<sup>1</sup> Uma versão deste ensaio será publicada na revista *Signs: Journal of Women in Contemporary Culture* (2014).

<sup>2</sup> María LUGONES, 1987.

O conceito de tradução – no seu sentido mais amplo, baseado num paradigma ontológico, não apenas linguístico – tornou-se fundamental para a teoria cultural, especialmente para a teoria feminista.<sup>1</sup> A virada tradutória, por assim dizer, mostra que a tradução extrapola a transferência de significado linguístico de uma língua a outra, buscando abranger o próprio ato de enunciação – quando nós falamos, estamos sempre já engajadas em traduzir, tanto para nós mesmas como para os outros. Se o ato de falar significa estar já engajada em tradução, e se a tradução é um processo onde o eu se abre para o outro, podemos dizer que sempre implica um deslocamento do eu. Ou seja, na tradução há uma obrigação moral de nos deslocarmos de nós mesmas para ficarmos, mesmo que seja por pouco tempo, sem lar, de forma que o/a outro/a possa residir, embora provisoriamente, nesse nosso espaço. Traduzir significa ir e vir, ser um/a “viajante do mundo”,<sup>2</sup> viver no interstício, estar perenemente des-locado/a.

Nas formações pós-coloniais globalizadas contemporâneas, a questão da tradução tornou-se um importante e recente domínio da contenda feminista. Estamos testemunhando uma necessidade cada vez maior de as feministas participarem nos diálogos e trocas produtivas através das múltiplas fronteiras geopolíticas e teóricas. Nossa proposta é considerar a tradução como política e teoricamente indispensável para forjar alianças políticas e epistemologias feministas em prol da justiça social, antirracistas, pós-coloniais e anti-imperialistas. Se os movimentos de mulheres na América Latina e de latinas na América e em outras partes do sul global compartilham um “contexto comum de luta”,<sup>3</sup> como debate Thayer, então “seus conflitos com as ‘hegemonias dispersas’ representadas pelos Estados, indústrias de desenvolvimento, capital global, fundamentalismos religiosos e relações de mercado criam poderosos, mesmo que apenas parcialmente sobrepostos, interesses e identidades que fazem com que o projeto de tradução seja ainda mais premente”.<sup>4</sup> Como nos lembra Rushin, em seu “The Bridge Poem” que abre *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*, todas nós “traduzimos mais/do que a droga das Nações Unidas”.<sup>5</sup>

Neste curto ensaio queremos debater o fato de que um projeto de uma política de tradução feminista translocal é crucial para a construção de “epistemologias conectadas”,<sup>6</sup> de forma a confrontar as traduções equivocadas ou más traduções que estimularam interpretações errôneas e obstruíram alianças feministas, mesmo entre mulheres que compartilham as mesmas línguas e culturas, tais como latinas que vivem nos Estados Unidos e as latino-americanas. Além disso, nas interações entre os feminismos das mulheres latinas e das latino-americanas, as viagens dos discursos e das práticas através de fronteiras geopolíticas, disciplinares e outras encontram enormes bloqueios e pontos de controle migratório. Como discute Klahn, para compreender a “colonialidade do poder” deve-se “entender a desigualdade das viagens e da tradução das práticas, teorias e textos feministas, e sua recepção”.<sup>7</sup>

Muito se tem escrito sobre as viagens das teorias por diferentes topografias e por itinerários cada vez mais complexos. Uma forma de se abordar a difícil tarefa de resolver a questão da importação/exportação de ideias feministas e as institucionalidades que supervisionam este processo é desenvolver uma análise da circulação de conhecimentos (feministas) a partir de seus contextos de produção para seus contextos de recepção. Por quais meios e através de quais rotas os conceitos feministas ganham residência temporária (ou até permanente) em diferentes economias representacionais? É bem sabido que os textos não viajam através de contextos linguísticos sem um ‘visto’. Seu

<sup>3</sup> Chandra MOHANTY 1991.

<sup>4</sup> Millie THAYER, no prelo.

<sup>5</sup> Donna Kate RUSHIN, 1982, p. xxi.

<sup>6</sup> Agustín LAO-MONTES, 2007, p. 134.

<sup>7</sup> Norma KLAHN, no prelo.

deslocamento pode acontecer somente se também houver um aparato material organizando sua tradução, publicação e circulação. Este aparato – que, ao mesmo tempo que é constituído pelos contextos de recepção, também os constitui – influencia de maneira significativa quais teorias/textos são traduzidos e (re)significados para ajustar-se melhor às agendas intelectuais locais. Entre estas institucionalidades que controlam a circulação de textos nas redes simbólicas estão os periódicos acadêmicos que, de acordo com Richard,<sup>8</sup> representam o papel de mediadores culturais entre as teorias metropolitanas e suas traduções periféricas.

<sup>8</sup> Nelly RICHARD, 2002.

Para examinar as formas nas quais os periódicos se tornam mediadores culturais no tráfico das teorias e discursos, seria necessário executar tarefas tais como (a lista é, claro, apenas sugestiva, não exaustiva): a análise do conteúdo do periódico e o mercado transnacional de citações; levantamento dos conhecimentos sendo disseminados pelo periódico; análise da localização do periódico em face dos campos disciplinares da academia (e o campo do feminismo); avaliação do corpo editorial do periódico e sua representação no contexto discursivo mais amplo; e – como Hemmings<sup>9</sup> explora tão incisivamente em sua pesquisa – consideração do tema da canonicidade e do silenciamento de outras genealogias feministas, especialmente nas práticas de tradução de artigos em língua estrangeira. Resumindo, para se compreender a produção e circulação de conhecimentos exigem-se, conforme Richard,<sup>10</sup> um escrutínio das redes acadêmicas e extra-acadêmicas locais e suas relações com os campos institucionais, as regras de inscrição de repertórios epistemológicos e uma perspectiva de longo alcance sobre as conjunturas intelectuais e políticas.

<sup>9</sup> Clare HEMMING, 2011.

<sup>10</sup> RICHARD, 2001.

Gostaríamos de enfatizar que já existem estudos aprofundados sobre os processos de tradução cultural ocorrendo na economia das trocas simbólicas e materiais. Tais estudos mapeiam os circuitos globais das teorias e seus deslocamentos através de eixos estruturados pelas relações de poder e marginalidade em “zonas de tradução”<sup>11</sup> variadas. Entretanto, a maioria destes estudos mais recentes foca a circulação de signos e significados através de regiões outras que não a América Latina, e poucos são as análises que oferecem um questionamento mais aprofundado das especificidades das viagens das teorias feministas e de suas categorias analíticas.

<sup>11</sup> Emily APTER, 2006.

Uma dessas especificidades a ser atendida, discutimos, é examinar como um cânone feminista é construído por um mercado de citação transnacional. Hoje se sabe muito bem que as práticas de citação são grandemente responsáveis não apenas pela formação de cânones acadêmicos, mas são vistas como a medida mais objetiva de mérito acadêmico.<sup>12</sup> Há um número significativo de estudos, a maioria

<sup>12</sup> Catherine LUTZ, 1995.

<sup>13</sup> Theresa LILLIS, Ann HEWINGS, Dimitra VLADIMIROU e Mary Jane CURY, 2010.

proveniente dos campos da linguística aplicada/análise do discurso e da bibliométrica, sobre o uso de citações – considerada uma das características mais relevantes da escrita acadêmica – como uma atividade fundamental na produção de conhecimento.<sup>13</sup> Quem é citado/a, onde e por quem – isto é, a geolinguística das citações – revela as rotas através das quais as teorias viajam e as formas pelas quais linhagens intelectuais (hegemonicamente masculinas) são construídas num contexto global.

<sup>14</sup> LILLIS et al., 2010.

Enfatizando as dimensões geopolíticas das citações, Lillis et al.,<sup>14</sup> por exemplo, estudaram a ligação entre estas micropráticas e as práticas sociais maiores de produção, circulação e avaliação de conhecimento em âmbito global. O *Science Citation Index* e o *Social Sciences Citation Index* (índices administrados pela *Thomson Scientific*) são as principais medidas feitas da influência de um periódico a partir do fator de impacto; elas são o que afere a visibilidade dos periódicos. A inclusão de um periódico nesses índices também impacta no valor dos/as autores/as e, em alguns países, como o Brasil, afeta mais diretamente a alocação de recursos financeiros tanto para o/a autor/a (para sua pesquisa) quanto para a publicação acadêmica, entre outras coisas. Uma das conclusões relevantes, mas que não surpreendem, do estudo acima (que abrange 240 artigos de psicologia publicados em periódicos ingleses) para nossa discussão é que

<sup>15</sup> LILLIS et al., 2010, p. 131.

[o] status global do inglês é impactante não apenas no meio linguístico de publicações, mas no meio linguístico de trabalhos que são considerados *citáveis* - e, portanto, determinante sobre qual conhecimento (ou conhecimento de quem) pode circular.<sup>15</sup>

Além do mais, para estas autoras,

<sup>16</sup> LILLIS et al., 2010, p. 131.

[...] o inglês não pode ser visto como um meio transparente, que simplesmente 'traduz' o conhecimento de uma língua para outra; seu status dentro dos sistemas de avaliação global está na realidade dando forma ao que se considera ser o conhecimento, exemplificado neste artigo pelo privilégio conferido a citações em inglês e a exclusão de citações de trabalhos em outras línguas.<sup>16</sup>

Como é possível escapar destas economias epistemológicas que institucionalizaram os centros acadêmicos anglófilos como estrutura da inteligibilidade para a teoria e, mais especificamente, para a teoria feminista? Iremos, é claro, evitar nos envolver aqui no debate mais instigante sobre o que é 'teoria', junto com seus correlativos (o lugar, o objeto e o sujeito da 'teoria'). Entretanto, o que não pode ser evitado é o tema da tradução e sua relação com a 'teoria' e o poder.

<sup>17</sup> J. Hillis MILLER, 1996, p. 220.

<sup>18</sup> MILLER, 1996, p. 223.

<sup>19</sup> Iain CHAMBERS, 2010.

<sup>20</sup> Diana HICKS e Jonathan PORTER, 1991.

<sup>21</sup> Rosi BRAIDOTTI, 2000.

<sup>22</sup> RICHARD, 2001.

Miller já mostrou que, quando uma teoria viaja, ela é “desfigurada, deformada, traduzida”.<sup>17</sup> Mas, “se uma teoria é transformada pela tradução”, ele diz, “ela transforma também, até certo ponto, a cultura ou disciplina onde entra”.<sup>18</sup> Como Chambers<sup>19</sup> observa, tanto o tradutor quanto o que é traduzido estão expostos a processos e procedimentos planetários não autorizados que expõem as ‘condições de poder’.

Para explorar as formas sutis de funcionamento do poder, queremos enfatizar que, como o estudo de Hicks e Porter<sup>20</sup> indicou há tempos em análises qualitativas e quantitativas das práticas de citações, as teorias são evidentemente intertextuais, ou seja, não necessariamente aparecem na forma usual de uma citação acadêmica. Estão escondidas nas entrelinhas do texto, em suas margens, nas hipóteses que não são ditas diretamente pelo autor, ou no circuito complexo das formações de conhecimento. Esta citacionalidade da teoria, residindo na quase invisibilidade das camadas inferiores dos textos, é o que precisa ser magnificado – e traduzido, apropriado, desfigurado e reorganizado – nas páginas dos periódicos feministas.

Braidotti,<sup>21</sup> falando sobre a importação-exportação transatlântica de ideias e sobre a mercantilização das publicações feministas, propõe, numa veia deleuziana, que uma percepção crítica da inserção histórica e incorporação empírica dos conceitos com os quais nós trabalhamos requer alianças transversais entre diferentes tipos de intelectuais, bem como um exercício constante em tornar-nos políglotas, tornar-nos interdisciplinares, tornar-nos nômades. Perguntamos aqui como esse exercício, que em princípio pode ser visto como constitutivo da prática de descolonizar o conhecimento, poderia ser utilizado no contexto político das publicações acadêmicas feministas. Claro que não há respostas óbvias, mas alguns exemplos do que revistas culturais e periódicos feministas acadêmicos têm feito na América Latina serve como inspiração. Devido a limitações de espaço, citemos apenas dois destes periódicos.

Richard, editora da *Revista de Crítica Cultural*, baseada no Chile, aconselha que, ao examinar o papel que as publicações representam como mediadoras críticas e tradutoras infíeis no tráfico das teorias, deve-se criar um espaço para as textualidades heterogêneas. Isto implica não somente a “coexistência de uma diversidade de filiações intelectuais, disciplinares e antidisciplinares, mas também de uma variedade de tons e formas textuais discursivas autorizando vários lugares de enunciação e registros representacionais”.<sup>22</sup>

Tal heterogeneidade permite potencialmente a articulação entre as reflexões acadêmicas e outros tipos de práticas enunciativas, igualmente produtoras de outros saberes, bem como contratraduções no projeto feminista de descolonização

do conhecimento. Podemos acrescentar que o periódico mexicano *Debate Feminista* também se apresenta como um exemplo de heterogeneidade de tais registros representacionais.

Outro exemplo é a seção “Debate” da *Revista Estudos Feministas*. Um dos objetivos desta seção é publicar artigos teóricos feministas pioneiros, na maior parte traduzidos do inglês para o português, seguidos de reflexões por parte de feministas brasileiras e de outros países da América Latina, numa tentativa de proporcionar uma recepção crítica dos textos traduzidos. Entretanto, infelizmente essas reflexões mais locais não viajam da mesma forma que o texto traduzido devido à falta de recursos materiais para a sua tradução para a *lingua franca* acadêmica, revelando assim um dos muitos fatores ocultos que interferem na articulação de feminismos transnacionais e na construção de epistemologias alternativas. Como bem mostra Apter, estas camadas de intervenções invisíveis são, de uma forma muito evidente, cruciais para dar a um texto acesso à tradutibilidade.<sup>23</sup>

<sup>23</sup> APTER, 2001.

<sup>24</sup> Rey CHOW, 1998, p. 5.

<sup>25</sup> Sonia E. ALVAREZ, Claudia de Lima COSTA, Verónica FELIU, Rebecca HESTER, Norma KLAHN, e Millie THAYER, no prelo.

<sup>26</sup> Gayatri SPIVAK, 2012, p. 242.

Este é o mundo real no qual devemos continuamente e sem descanso lutar para “deslocar teoricamente o signo”<sup>24</sup> do ocidente em direção a novas geografias e línguas descoloniais – teóricas ou outras. Desejando facilitar tais deslocamentos, coeditamos uma antologia<sup>25</sup> que implementa uma política tradutória a partir de um tráfico despudorado das teorias e práticas feministas através das fronteiras geopolíticas e disciplinares, colocando os feminismos das latinas/ mulheres de cor/ feministas pós-coloniais no norte das Américas em diálogo com teorias, práticas, culturas e políticas feministas no sul, e vice-versa. As colaboradoras dessa antologia – que incluem autoras da Argentina, Brasil, Bolívia, Chile e México, assim como as latinas descendentes de cubanos, porto-riquenhos, mexicanos, chilenos, peruanos e dominicanos que vivem no norte global, oferecem novos *insights* em muitos dos problemas explorados neste ensaio. Apesar disso, e para concluir, é importante não esquecer o que nos ensina Spivak<sup>26</sup> – que a própria noção de tradução, isto é, uma palavra ou ideia que representa outra, desloca qualquer possibilidade de tradução literal. A tradução, portanto, pode apenas ser compreendida como uma catacrese, ou seja, como um uso sempre já equivocado de palavras, uma impropriedade e inadequação inerente a todo e qualquer o sistema de representação.

## Referências

ALVAREZ, Sonia E., COSTA, Claudia de Lima, FELIU, Verónica, HESTER, Rebecca, KLAHN, Norma, and THAYER, Millie (eds.). *Translocalidades/Translocalities: Feminist Politics on Translation in the Latin/a Americas*. Durham: Duke University Press, no prelo.

- APTER, Emily. *The Translation Zone: A New Comparative Literature*. Princeton: Princeton University Press, 2006.
- \_\_\_\_\_. "On Translation in a Global Market." *Public Culture*, v. 13, n. 1, p. 1-12, 2001.
- BRAIDOTTI, Rosi. "The Way We Were: Some Post-Structuralist Memoirs." *Women's Studies International Forum*, v. 23, n. 6, p. 715-728, 2000.
- CHAMBERS, Iain. "Theory, Thresholds, and Beyond." *Postcolonial Studies*, v. 13, n. 3, p. 255-264, 2010.
- CHOW, Rey. *Ethics after Idealism*. Bloomington: Indiana University Press, 1998.
- HEMMINGS, Clare. *Why Stories Matter: The Political Grammar of Feminist Theory*. Durham: Duke University Press, 2011.
- HICKS, Diana, and PORTER Jonathan. "Sociology of Scientific Knowledge: A Reflexive Citation Analysis of Science Disciplines and Disciplining Knowledge." *Social Studies of Science*, v. 21, n. 3, p. 459-501, 1991.
- KLAHN, Norma. "Locating Women's Writing and Translation in the Americas in the Age of Latinoamericanismo and Globalization." In: ALVAREZ, Sonia E. et al. (eds.). *Translocalidades/Translocalities: Feminist Politics on Translation in the Latin/a America*. Durham: Duke University Press, Forthcoming.
- LAO-MONTES, Agustín. "Decolonial Moves: Trans-locating African Diaspora Space." *Cultural Studies*, v. 21, n. 2-3, p. 309-338, 2007.
- LILLIS, Theresa, HEWINGS, Ann, VLADIMIROU, Dimitra, and CURY, Mary Jane. "The Geolinguistics of English as an Academic Lingua Franca: Citation Practices Across English-medium National and English-medium International Journals." *International Journal of Applied Linguistics*, v. 20, n. 1, p. 110-135, 2010.
- LUGONES, María. "Playfulness, 'World'-Traveling, and Loving Perception." *Hypatia*, v. 2, n. 2, p. 3-19, 1987.
- LUTZ, Catherine. "The Gender of Theory". In: BEHAR, Ruth, and GORDON, Deborah (eds.). *Women Writing Culture*. Berkeley: University of California Press, 1995. p. 249-266.
- MILLER, J. Hillis. "Border Crossings, Translating Theory: Ruth." In: BURDICK Sanford, and ISER, Wolfgang (eds.). *The Translatability of Cultures: Figurations of the Space Between*. Palo Alto: Stanford University Press, 1996. p. 207-223.
- MOHANTY, Chandra T. "Cartographies of Struggle: Third World Women and the Politics of Feminism." In: MOHANTY, Chandra Talpade, RUSSO, Ann, and TORRES, Lourdes (eds.). *Third World Women and the Politics of Feminism*. Bloomington: Indiana University Press, 1991. p. 1-47.
- RICHARD, Nelly. "Experiência e representação: o feminino, o latino-americano." In: \_\_\_\_\_. *Intervenções críticas: arte,*

*cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 142-155.

\_\_\_\_\_. "Globalización/Traducción/Diseminación." Trabalho apresentado no Seminário *Intellectual Agendas and the Localities of Knowledge*, 2-5 October 2001, Cidade do Mexico.

RUSHIN, Donna Kate. "This Bridge Poem." In: MORAGA, Cherríe, and ANZALDÚA Gloria (eds.). *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color* New York: Kitchen Table, 1981. p. xxi-xxii.

SPIVAK, Gayatri C. *An Aesthetic Education in the Era of Globalization*. Cambridge: Harvard University Press, 2012.

THAYER, Millie. "Translations and Refusals: Resignifying Meanings as Feminist Political Practice." In: ALVAREZ, Sonia E. et al. (eds.). *Translocalidades/Translocalities: Feminist Politics on Translation in the Latin/a America*. Durham: Duke University Press, Forthcoming.

[Recebido e aprovado em maio de 2013]

***The Circulation of Feminist Theories and Challenges of Translation***

**Abstract:** *In this essay we explore the specificities of the travels and translations of feminist theories, taking into consideration the mediations carried out by cultural magazines and scientific journals. We discuss how a feminist canon is constructed through transnational citation practices, and conclude with some examples of publications that are opening up spaces for the construction of new feminist knowledges through conter-translation practices.*

**Key Words:** *Translation; Traveling Theories; Scientific Publications; Feminist Canon.*